## O que é Sustentabilidade? Conheças os conceitos e práticas sustentáveis

O termo **sustentabilidade, por si só, define alguma coisa, como um processo ou sistema, que garante sua própria permanência por um determinado período de tempo.** Esse termo, no entanto, ganhou um significado muito particular e importantíssimo para o planeta nos dias de hoje!

**Então, vamos descobrir a “História da Sustentabilidade”.**

**O conceito de  sustentabilidade como o entendemos nos dias de hoje começou a ser cunhado na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (United Nations Conference on the Human Environment – UNCHE), que foi realizada em Estocolmo, na Suécia, de 5 a 16 de junho de 1972, ou seja, a primeira conferência da Organização das Nações Unidas(ONU) acerca do meio ambiente e primeira grande reunião internacional com a finalidade de discutir as atividades humanas quanto ao meio ambiente. Essa conferência concretizou as bases das ações ambientais no cenário internacional, chamando a atenção de todos os países para os problemas em relação com a degradação do meio ambiente e a poluição, já que tais temas não afetam apenas nações, mas o mundo todo, não considerando fronteiras políticas nem ideologia ou povos em particular.**

A **Declaração de Estocolmo**, proveniente da Conferência, delineou um **Plano de Ação**, que define alguns princípios de preservação e melhoria do ambiente natural, frisando a necessidade de apoio financeiro e assistência aos países e comunidades mais necessitados. Na época, a terminologia “**desenvolvimento sustentável**” ainda não era utilizada, porém o item número 5 da Declaração já abordava uma necessidade importantíssima de “**defender e melhorar o ambiente humano para as gerações de hoje e do futuro**”, necessidade essa que se aliava aos esforços de paz e desenvolvimento social e econômico.

O termo **desenvolvimento sustentável** em si foi utilizado pela primeira vez pela ex-primeira ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, quando de sua atuação como presidente de uma comissão da ONU, chamada de **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**, realizada em 1987. Ela, posteriormente, escreveu um livro intitulado Our Common Future (Nosso futuro em comum) onde, em partes, ela escreveu: “***Desenvolvimento sustentável significa suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades.*** Já no ano de 1992, ocorreu a chamada **ECO-92** – ou, em seu nome oficial, **Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento** , que foi sediada no Rio de Janeiro, consolidou o conceito de desenvolvimento sustentável. A conquista mais marcante da conferência foi a utilização, em conjunto, de ambos os termos “**meio ambiente**” e “**desenvolvimento**”, concretizando as ideias que iniciaram-se na Conferência de Estocolmo, e dando vida ao desenvolvimento **sustentável** defendido na Comissão Brundtland (outro nome dado à Comissão Mundial sobre **Meio Ambiente** e Desenvolvimento). Esse conceito de **desenvolvimento sustentável** foi cunhado de forma a conciliar as reivindicações dos grupos que defendem o desenvolvimento econômico e as preocupações dos interessados na conservação dos ecossistemas e da biodiversidade, ou seja, buscando cumprir o objetivo de prover a humanidade de acordo com as necessidades presentes sem um impacto negativo nas futuras gerações – ou pelo menos, em teoria.

Na ECO-92, foi estabelecida a **Agenda 21**, que consiste em um plano de ação que visa a **sustentabilidade** a nível global no século XXI – um compromisso que foi enfatizado na **Cúpula da Terra sobre Desenvolvimento Sustentável**, realizada em 2002 na cidade de Joanesburgo. Nessa cúpula, foi proposta uma integração mais consistente das chamadas três dimensões do desenvolvimento sustentável

Os três tipos de desenvolvimento sustentável:



**Esquema dos tipos de desenvolvimento sustentável :**

* **Econômica**: A viabilidade econômica significa que a **sustentabilidade** não almeja frear o desenvolvimento da economia e tecnologia, mas sim que estes sejam realizados através de uma forma de pensar diferenciada, sem agredir nosso planeta e a vida presente nele e, ainda assim, desenvolvendo-se economicamente. Exemplificando, a reciclagem é uma forma de ser sustentável, mas se ela se tornar mais cara do que a extração do produto da natureza, não será economicamente viável – neste caso, é necessário o em tecnologias de reciclagem mais efetivas e econômicas, trazendo o conceito de desenvolvimento **sustentável** para os processos industriais.
* **Social**: Envolvendo ética, educação de qualidade, justiça social, condições de trabalho e trabalho decentes e solidariedade, esse aspecto relaciona-se com as interações individuais que desenvolvemos em nosso planeta, levando em conta que a vida interrelaciona-se e tudo está ligado. Podemos citar, por exemplo, o uso de transporte coletivo como um meio de diminuir as emissões de gases, sem deixar de deixá-lo acessível a todas as pessoas, incluindo idosos e pessoas com deficiências, promovendo um convívio amigável e sustentável.
* **Ambiental**: Esta parte é a mais evidente no cenário global, e consiste em não esgotar os recursos naturais, promovendo ações que diminuam ou zerem os impactos da ação humana na natureza. A utilização de tecnologias que não produzam excesso de embalagens e não impactem o **meio ambiente** é um exemplo como o OOHO, (*Trata-se de uma bolha comestível que traz água potável dentro de uma membrana natural feita de extrato de alga. Caso você não queira consumir o invólucro, a membrana é biodegradável, decompondo-se em 4 a 6 semanas – o mesmo tempo que leva uma fruta a biodegradar-se* - em detrimento das garrafas plásticas), mas podemos aplicar estas ações no dia a dia, reciclando nosso lixo, utilizando bicicletas ou transporte público, comer menos carne para reduzir a emissão de metano (um dos causadores do efeito estufa) pelos rebanhos, entre outras.

**E AS ATITUDES SUSTENTÁVEIS?**

Com o estabelecimento de tais termos e conceitos, o uso do termo **sustentabilidade** se tornou global e muito bem difundido, passando a fazer parte do vocabulário politicamente correto das organizações, com setores voltados para lidar com tais questões e a difusão das **atitudes sustentáveis**. Isso, no entanto, não significa que as atitudes das Organizações em direção ao desenvolvimento **sustentável** tenham tido tantos avanços quanto sua terminologia, já que muitas corporações tem apenas propagandeado uma atitude**sustentável** sem de fato cumprir com o que diz, ou mesmo não preocupando-se em desenvolver formas menos danosas de produção.



 Conceito de **liderança sustentável**, desenvolvido pelo professor Luiz Carlos Cabrera, em 2009, compreende a integração equilibrada dos vieses econômico, ambiental, social e cultural ao desenvolvimento de um empreendimento. Há ainda muitas terminologias e subdivisões dentro do conceito de **sustentabilidade**, mas todas estão relacionadas com atitudes **sustentáveis**, sejam elas na vida diária ou nas grandes decisões organizações ou comunitárias.

Ser **sustentável** é, acima de tudo, pensar no futuro não apenas das gerações humanas, mas também na vida animal e vegetal do nosso planeta, afinal, sem um ecossistema equilibrado e funcional, nenhum de nós estaria vivo neste momento. O ser humano, com suas atitudes egoístas e insustentáveis, poderá desaparecer em algumas centenas de anos ou menos – junto com outras milhares de espécies, a não ser que tomemos uma atitude quanto a isso. Cálculos prevêem um futuro preocupante, com aumento das temperaturas, descongelamento dos pólos e buracos da camada de ozônio.

Diante disto, é imprescindível que, enquanto seres humanos, tomemos uma atitude e não apenas tornemos nosso dia a dia **sustentável**, reciclando, utilizando meios de transporte econômicos como bicicletas e **carros elétricos**, ou até mesmo construamos **casas sustentáveis** e **filtremos nossa água**, mas também cobremos dos nossos governos e das grandes Organizações que estes revejam seus conceitos e atitudes para garantir que nosso presente possa refletir em um futuro de**sustentabilidade** e harmonia para as gerações que estão por vir – afinal, nosso futuro reflete o que fazemos atualmente, então não podemos pensar em ser **sustentáveis** amanhã, e sim hoje!

Esse tipo de Liderança pode ser empregado na gestão de diferentes organizações como uma escola, uma instituição, uma cidade e até um país. Ela é fundamentada em medidas de longo prazo, que visam estabelecer o uso dos recursos ambientais para saciar as necessidades da geração atual, sem comprometer a satisfação das necessidades das próximas gerações.

Além disso, a Liderança Sustentável implica em proporcionar benefícios que melhorem a qualidade de vida dos colaboradores como um bom ambiente de trabalho, a participação nos lucros ou resultados bancos de ideias com premiações e uma causa social, que poderá ser, por exemplo, a causa ambiental.

**O líder sustentável** também deve promover, por meio da comunicação corporativa integrada que envolve os vários departamentos, dentro de uma cultura institucional que motive colaboradores, fornecedores e consumidores a tomarem [**atitudes sustentáveis**](http://www.atitudessustentaveis.com.br/) em todo momento, dentro ou fora da organização.

Em uma corporação, esse gênero de liderança proporciona resultados como um maior aproveitamento das matérias-primas e do tempo de cada funcionário, o que gera mais lucros com menor impacto ambiental.

# *Já em um país, uma liderança sustentável é capaz de adaptar o emprego de recursos naturais como a água, as florestas e a terra cultivável para uso em longo prazo. Ela também melhora a distribuição de renda, a saúde e a educação das populações, e projeta essa cultura ecológica para o exterior, a fim de fomentar atividades turísticas e intercâmbios que a mantenham em movimento e em perpetuação*

*Neste contexto, o que é* ***engajamento****? É a capacidade que um sistema tem de manter seus funcionários motivados e em sintonia com os fins da empresa publica ou privada. Ou seja, o colaborador precisa encontrar sentido no que realiza, entendendo por que é importante para Organização e quais são os seus resultados, não só para o crescimento organizacional, mas para a sociedade, conforme indica Luciana Alvarez, gerente de comunicação e sustentabilidade da Duratex. “Todo líder tem metas para serem atingidas, principalmente as econômicas, ainda mais no cenário em que a gente vive. Se ele não tiver esse olhar mais abrangente para as questões socioambientais, vendo inclusive como retorno financeiro, será bem complicado. Fica só o lucro pelo lucro”, resume a executiva* ***Amcham Brasi.****Parte superior do formulário*

Parte inferior do formulário

O que o líder sustentável tem haver com o empreendedor?

Vamos pegar carona em um dos maiores administradores de sucesso do mundo contemporâneo **Philip Kotler**, que afirma: “uma coisa é encontrar oportunidades atraentes; outra é ser capaz de transformá-las em produtos comercializáveis ou transformacionais com sucesso”. Se ampliarmos um pouco a interpretação desta ideia podemos entrar nesta discussão.

*A liderança sustentável exige distribuição de poder. Este estilo de liderança sabe reconhecer os seus pontos fortes e fracos. É por isso que o líder sustentável se cerca de pessoas qualificadas.*

A competência dos empreendedores está na sua capacidade de induzir as pessoas a segui-los. E como resultado de suas práticas, nós temos a busca de soluções para questões sociais através da criação de produtos inovadores que melhoram a vida de pessoas. Porém, este objetivo só será alcançado se todos estiverem engajados. Neste momento, o empreendedor passa a ter a necessidade das habilidades de liderança sustentável para transformar um conceito em algo concreto.

A resposta certa para a pergunta acima é aquela que você dá. Muitas vezes veremos que as definições se confundem e se complementam. Cada um irá ter a sua própria visão.

***Ninguém será um empreendedor de sucesso se não souber usar a competência do líder sustentável. Assim como a liderança sustentável irá exigir valores dos grandes empreendedores de sucesso.***

**FOCO EM TRANSFORMAÇÃO**

O desenvolvimento de competências da liderança deve estar na agenda de qualquer pessoa que queira trabalhar com a transformação – e não só no setor privado. Um exemplo é a ONG Redes da Maré, criada em 1997 por moradores do maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro (RJ), que vem investindo em treinamentos para desenvolver a liderança há pelo menos três anos. O principal propósito da ONG é justamente construir o desenvolvimento sustentável na região, desenvolvendo temáticas como educação, arte e cultura e geração de trabalho e renda. Por isso, o trabalho com os colaboradores é essencial para refletir nas ações para fora da instituição. Em parceria com a ProFit Coach, estabeleceram um projeto de coaching com os diretores da ONG, com encontros individuais, estabelecimentos de metas e métodos para a realização do trabalho Eliana Sousa Silva, diretora da Redes da Maré, garante que pelo menos trinta pessoas da rede já passaram por esse processo, com resultados positivos. “Do ponto de vista da sustentabilidade, contribuiu muito para a gente entender melhor nosso papel de trabalho, que é muito desafiador e complexo”.

**COMPETÊNCIAS CHAVES**

E quais são as competências necessárias para o líder que quer trabalhar com a sustentabilidade?

Trabalhar com a visão do negócio e mergulhar em seu funcionamento são essenciais para compreender os impactos gerados pelo negócio para, daí sim, gerar insights sobre possíveis ações. “Assim sim você consegue ter uma visão sistêmica e trazendo as questões socioambientais à luz desse negócio.

 O líder precisa ter essa visão antecipatória. Até quando a gente vai fazer bacias que não são econômicas? A gente tem uma meta de até 2025 ter 100% do portfólio de produtos e coeficientes”, específica.

Ser resiliente e inconformado são outras características bem vindas. O de transformação social, entendam seu o papel e seus limites”, resume. Já para o líder estar aberto ao novo e ao trabalho colaborativo, que são qualidades importantes, o principal é acreditar nas mudanças: “tem pessoas que não acreditam que as coisas podem ser pensadas ou feitas de maneira diferente. Uma característica forte de alguém que quer trabalhar com dinâmicas sociais é crer que você está fazendo algo que vai trazer resultados”.

**MATERIAL DE APOIO:**

|  |
| --- |
| **ASSISTA AOS VÍDEOS ABAIXO:** VIDEO SUSTENTABILIDADE.  <https://www.youtube.com/watch?v=mN49PbO2TWMv>VÍDEO LIDERANÇA SUSTENTÁVEL<https://www.youtube.com/watch?v=WYQauL2ZIJkhttps://www.youtube.com/watch?v=DFLnrQUgWkE> |

# ARTIGO “NOVA” E “VELHA” ECONOMIA? –  19 de Fevereiro de 2002   - Por Arthur Barrionuevo Filho

Ondas de euforia não são novidades na história das economias de mercado. Um economista como Schumpeter, no início do século XX, já havia colocado que as economias capitalistas tem ciclos de crescimento e recessão, causados por inovações tecnológicas ou comerciais.

Existe atualmente um processo de inovação tecnológica dado pela junção das tecnologias de informática e telecomunicações que está transformando a velocidade da difusão do conhecimento, formas de produção e de realização de transações nos mercados.

Neste breve artigo, discutimos dois pontos, que ajudam a compreender este fenômeno:

- O que existe de substantivo, nos conceitos de "**velha" e "nova" economia**.

- As mudanças oriundas do uso de tecnologias de redes e o seu impacto sobre o funcionamento dos mercados.

Os conceitos de "nova" e "velha" economia supõem a separação radical entre setores econômicos: os da "nova" economia, baseados no uso das redes de informação (comércio eletrônico, novos serviços financeiros, sites de busca, portais etc.), e a "velha" economia (formada pelos setores tradicionais).

Sobre a evolução, as redes de informação permitem maior rapidez na inovação em qualquer setor. As redes de informação também alteram a estruturação da economia, reduzindo os seus custos de transação (custos para organizar indivíduos possibilitando a produção). Podem ser custos de coordenação e monitoramento para os agentes envolvidos - dentro da Organização - ou, custos de relacionamento - entre Organizações - (como o de achar fornecedores confiáveis), pois a produção exige transações dentro e entre as Organizações.

As redes eletrônicas reduzem os custos de informação e controle dentro das Organizações, reduzindo a burocracia, reorganizando a forma de trabalhar, ou, barateiam os custos de compras e vendas nos mercados via B2B, entre Organizações, ou B2C, entre Organização e Consumidor.

Os ganhos trazidos pelas redes não ocorrem instantaneamente. No século XIX, as máquinas a vapor introduzidas nos EUA, também eram uma tecnologia de impacto geral, mas sua ação direta sobre a produtividade foi baixa. Contudo, o seu impacto via aumento de urbanização, ganhos de aglomeração (aproximando Organizações trabalhadores qualificados e técnicos) fortaleceu o crescimento econômico. Este padrão foi seguido também na introdução da eletricidade, e, se crê, será seguido pelas tecnologias de informação. De modo que, em vez de falar de "nova" e "velha" economia, é mais apropriado falar dos efeitos de uma tecnologia de impacto geral, as redes digitais de informação, provocando uma reorganização geral, embora mais lenta, da economia.

Houve a ilusão de que os mercados na Internet seriam mais competitivos, portanto, com menores preços do que os tradicionais. Contudo, apesar da maior quantidade de informação para os consumidores, eles apresentam alta dispersão de preços e concentração de mercado.

A necessidade de criação de marca implica em investimentos elevados em publicidade do site, aliado ao fato de que existem economias de escala na manutenção do site e na logística de distribuição, reduzindo o número de prestadores de serviço e concentrando o mercado.

**Nova economia** é uma expressão criada no final da [década de 1990](https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9cada_de_1990), para descrever o resultado da transição de uma [economia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia) baseada na [indústria](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ind%C3%BAstria) para uma economia baseada nos [serviços](https://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7os). O uso dessa expressão foi bastante popular no final dos [anos 1990](https://pt.wikipedia.org/wiki/Anos_1990), quando ocorreu a chamada [bolha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolha_especulativa) [bolha das Organizações ponto com](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolha_das_empresas_ponto_com). Nos Estados Unidos, esse período foi caracterizado por desenvolvimento das [novas tecnologias de informação e comunicação](https://pt.wikipedia.org/wiki/Novas_tecnologias_de_informa%C3%A7%C3%A3o_e_comunica%C3%A7%C3%A3o), altas taxas de [crescimento econômico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crescimento_econ%C3%B4mico), baixa [inflação](https://pt.wikipedia.org/wiki/Infla%C3%A7%C3%A3o) e alto nível de [emprego](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emprego), num contexto de [globalização](https://pt.wikipedia.org/wiki/Globaliza%C3%A7%C3%A3o) da economia. Tudo isso levou a previsões exageradamente otimistas e [planos de negócios](https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_de_neg%C3%B3cios) equivocados.

A primeira vez que se empregou publicamente a expressão *nova economia* foi em dezembro de [1996](https://pt.wikipedia.org/wiki/1996), na revista [*BusinessWeek*](https://pt.wikipedia.org/wiki/BusinessWeek) em artigo de Michael J. Mandel denominado *The Triumph of the New Economy - A Power ful pay off from globalization and the Info Revolution* ("O triunfo da Nova Economia - Uma poderosa recompensa da globalização e da revolução da informação.

 A recessão de 2001 colocou por terra muitas das previsões feitas na década de 90. Entretanto, o desenvolvimento tecnológico da última década do século XX manteve o ritmo na primeira década do século XXI, impactando a economia global e direcionando o empreendedorismo mundial para a criação de novos modelos de negócios. (Leia: https://www.freetheessence.com.br/nova-economia/)

***ECONOMIA CRIATIVA***

Há quem diga que estamos diante de uma nova era quando falamos em consumo. Os mais metafísicos acreditam que entramos em uma fase na qual nos preocupamos mais com os impactos que nossas ações geram e quais são os valores que vamos deixar para as gerações que virão depois de nós. Os mais otimistas, então, afirmam que estamos chegando ao fim de uma era individualista e dando um passo ao futuro em direção a uma sociedade mais colaborativa e sustentável.

## *E são essas discussões que nos pautam para um novo tema: a criatividade. Se alguém pedisse você para explicar este termo, você sabe o que responderia?Quando resgatamos a etimologia da palavra, encontramos o seguinte conceito: capacidade de criar, produzir ou inventar coisas novas. E é justamente isso que vivemos e experimentamos atualmente. startups As Organizações pautadas no conceito de criatividade, representantes da nova economia , a criativa -,  são provas desse movimento que tem se tornado cada vez mais vivo e colaborativo.*

## Mas, afinal de contas, o que é essa tal de Economia Criativa?

## O conceito, propriamente dito, foi definido pelo professor inglês, John Howkins, em seu livro *The Creative Economy*, que a considera *como “****atividades nas quais resultam em indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando seu valor econômico. Pode ser definida como processos que envolvam criação, produção e distribuição de produtos e serviços, usando o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como principais recursos produtivos”.***

O fato é que, hoje, a Economia Criativa é vista como a economia do século XXI. Em uma época cada vez mais marcada pela criatividade e pela quebra de padrões pré-estabelecidos, investir em soluções criativas contribui indiretamente para o desenvolvimento de uma sociedade mais sustentável.

Essa nova economia tem chamado a atenção do capitalismo mundial e do varejo – que há séculos é feito da mesma forma e é focado na compra e venda. Por quê? Simples, porque na Economia Compartilhada podemos, por exemplo, vender o mesmo produto por diversas vezes, sem que o comprador obtenha a propriedade do bem. Nesse formato, aquela única transação dá lugar a muitas outras. No modelo tradicional, nós produzimos e vendemos.

***GIGANTESCO MERCADO***

Preocupação com o futuro. E é justamente isso que estamos vendo e vivendo no nosso dia a dia.

Os empreendimentos da Economia Criativa apresentam um perfil flexível e devem promover ajustes em seus mecanismos operacionais para o alcance de metas e objetivos. **O desafio gerencial está na modelagem das funções de planejamento, organização, coordenação, direção e con­trole que garanta a eficácia dos processos organizacionais, a melhor alocação dos recursos e um modelo de coordenação que alimente o interesse e o envolvimento de todos, inclusive o dos financiadores, que esperam resultados positivos dos investimentos oferecidos**

As necessidades de gestão de Organizações da Economia Criativa ainda precisam ser equacionadas para a melhor oferta de soluções gerenciais e de potencialização dos negócios. A modelagem organizacional deve considerar que os empreendimentos criativos são flexíveis, com es­truturas voláteis, e necessitam de ferramentas que promovam o intercâmbio de criadores e gestores, visando transformar a criatividade em bens e serviços, direcionados para um mercado de consumo exigente, característico do século XXI.

As oportunidades para os negócios criativos são crescentes, mas o mercado interno ainda precisa ser desenvolvido e estimulado. Por outro lado, os empreendedores talentosos precisam assumir que suas atividades são pequenos negócios, carentes de estruturação e qualificação. Para contribuir com o desenvolvimento institucional e organizacional dos setores criativos, instituições como o SEBRAE precisam investir em produtos e serviços, com soluções customizadas, que dêem conta da especificidade dessa nova economia.

***Finalmente, cabe ressaltar que o desenvolvimento da Economia Criativa necessita de políticas públicas adequadas, que considerem a necessidade de linhas específicas de financiamento, de diferenciação tributária e de sistemas de normatização dos empreendimentos. Há urgência na melhoria do ambiente organizacional, com ferramentas e incentivos que atraiam talentos e fa­voreçam a monetização e a remuneração de bens simbólicos, intangíveis, lúdicos e imateriais****.*

Preocupado com os desdobramentos futuros da temática das indústrias criativas e da economia criativa, é também Howkins (2005) quem alerta para o que considera questões a enfrentar nesta área. São estas:

1. necessidade de uma revisão do conceito;
2. importância de promover a aproximação entre criatividade e inovação – o que permitirá a inclusão da ciência no âmbito das indústrias criativas;
3. urgente necessidade de uma revisão dos marcos regulatórios da propriedade intelectual na direção do interesse público – hoje largamente submetidos aos interesses das grandes corporações; **a elaboração de políticas públicas** capazes de integrar as múltiplas dimensões (e responder às várias demandas) da economia criativa.

***ECONOMIA COMPARTILHADA***

Independente da sua profissão, da sua atividade ou do seu segmento empresarial, você precisa entender a nova **Economia Compartilhada** ou ***Sharing Economy***.

Conceitualmente, a Economia Compartilhada é um ecossistema econômico sustentável construído em torno da partilha de recursos humanos, serviços e produtos. Ela inclui a criação, produção, distribuição, comércio compartilhado e consumo de bens e serviços por pessoas e negócios, focados nas pessoas.

Os participantes de uma Economia Compartilhada são pessoas, comunidades, Organizações, empresa e associações; todos estão em um sistema de compartilhamento altamente eficiente, para que todos contribuam e se beneficiem. São negócios feitos geralmente diretamente entre pessoas e sem intermediários, onde as pessoas estão no centro desta economia.

O consumo colaborativo, a troca de experiências e de serviços específicos, de propriedade compartilhada, aluguel, compra coletiva, passando também pela subscrição, pelo empréstimo, pelo micro financiamento, crowdfunding, crowdsourcing etc.: esses são os principais aspectos e modelos de negócios da Economia Compartilhada.

Essa nova economia tem chamado a atenção do capitalismo mundial e do varejo – que há séculos é feito da mesma forma e é focado na compra e venda. Por quê? Simples, porque na Economia Compartilhada podemos, por exemplo, vender o mesmo produto por diversas vezes, sem que o comprador obtenha a propriedade do bem. Nesse formato, aquela única transação dá lugar a muitas outras. No modelo tradicional, nós produzimos e vendemos.

O exemplo mais popular e conhecido do mercado é o **Uber**, onde pessoas (drivers) dirigem seus próprios carros particulares para outras pessoas usando apenas um aplicativo para conexão e negócio entre elas.

Existem outros exemplos: o **Airbnb**, onde as pessoas se hospedam em casas de outras pessoas sem ter necessariamente que ficar hospedados em hotéis tradicionais. o **Netflix**, onde pessoas podem ver filmes pela internet em qualquer *device* (incluindo a televisão) sem precisar baixar ou pagar entradas como no cinema ou pagar para alugar de filmes – basta fazer uma assinatura e ver na hora que quiser. Imagine jantar na casa de um estranho que preparou a mesa especialmente para você – veja como funciona o **Dinner**; conhece o **Tripda**, o aplicativo que busca caronas para reduzir o custo de seu deslocamento? Que tal pegar uma carona com alguém? Deixe seu carro na garagem.

A Economia Compartilhada promove uma cultura **nós**, onde a comunidade em geral é considerada o bem maior. Preocupações com saúde, felicidade, confiança, experiências, colaboração, compartilhamento e sustentabilidade são características notáveis nesta economia.

O impacto principal na sociedade é a **mudança de *mindset***. Pessoas que operam nesta economia têm a preocupação de criar soluções para problemas específicos, têm consciência nos negócios, compreendem o empreendedorismo social, operam negócios sustentáveis e aplicam conceitos e ética nas Organizações.

Teremos muito em breve a popularização deste modelo econômico no Brasil, o que fatalmente vai obrigar os negócios atuais a se adaptarem a este novo e gigantesco mercado.



|  |
| --- |
|  **VEJA:** ( https://consumocolaborativo.cc/entendendo-o-conceito-o-que-e-economia-compartilhada/)( <https://www.youtube.com/watch?v=sUi5_u8dZog>)( https://www.youtube.com/watch?v=-hmFwG3e6Bg) |

Ambas as tendências baseiam-se na associação coletiva com o objetivo de economizar, frear o uso de recursos naturais e aproveitar a conexão em massa — seja ela online ou não.

**Entenda as peculiaridades dos dois modelos de negócios**

Na economia compartilhada, o público utiliza as vantagens da conexão em grande escala, proporcionada pela internet, para dispor aos outros bens que já possui. O intuito é incrementar a renda.

A intenção é que cidadãos comuns possam se ajudar mutuamente a encontrar soluções sem a necessidade de compras. Como conseqüência, a produção industrial acaba diminuindo porque também é reduzida a demanda A grande quantidade de dados sobre as pessoas, disponíveis em redes sociais e aplicativos, permitiu que o consumo de bens materiais pudesse ser realizado como o de serviços.

A variante compartilhada tem um viés de substituir a aquisição de algo pelo uso coletivo desse bem.

Já na[economia colaborativa](https://blog.racon.com.br/sustentabilidade/economia-colaborativa-entenda-como-funciona-a-alternativa-que-cresce-frente-a-crise/), os consumidores, que não se conhecem necessariamente, reúnem-se — por intermédio de um grupo, Organização, associação ou cooperativa — para adquirirem bens em comum.

**Conheça as vantagens dos dois sistemas para os indivíduos**

Como o que já foi mencionado, no padrão compartilhado, os usuários oferecem mercadorias e produtos que já possuem para aumentar a renda. A principal vantagem para alguém apostar nessa tendência é despender menos dinheiro.

Suponha que uma mãe, em vez de comprar uma cadeirinha de bebê por mais de mil reais, use algum software para "alugá-la" durante um período.É benefício tanto para a mãe como para a proprietária do utensílio, que provavelmente já não tinha finalidade para ele. Há ainda recompensas indiretas, como as que privilegiam o ecossistema, uma vez que, quando esse fenômeno se repete em proporções globais, existe também uma diminuição da produção de novas mercadorias e da utilização dos insumos necessários nas fabricações.

Seguindo a mesma lógica, é possível poupar com quase tudo: educação (só entrar em aplicativos ou redes sociais de professores virtuais), transporte (Uber, 99 Táxis, Cabify) e até com hospedagem (Hotel Urbano, TripAdvisor, Airbnb, entre outros).

Assim, você consegue alugar um espaço na praia e, ao mesmo tempo, encontrar alguém para cuidar de seu cão, um jardineiro para tomar conta das suas plantas e até arranjar um motorista para levá-lo e buscá-lo no aeroporto. O modelo compartilhado tem uma riqueza infinita de possibilidades.

O consumo colaborativo, da mesma forma, é igualmente versátil podendo envolver a compra, a venda ou a troca tanto de bens como de serviços por meio do intermédio de grupos organizado os consórcios, por exemplo, são tipos de estruturas colaborativas e também ajudam a economizar. Isso porque é permitido escolher as mensalidades que cabem no orçamento da família, bem como em quanto tempo elas serão quitadas.

Apesar de suas singelas diferenças, tanto a[versão colaborativa](https://blog.racon.com.br/sustentabilidade/economia-colaborativa-maneiras-de-contribuir-e-sair-ganhando/) como a compartilhada trazem recompensas para a coletividade, não apenas para indivíduos e famílias.

No paradigma colaborativo, como é o[caso do consórcio](https://blog.racon.com.br/tudo-sobre-consorcio/lance-de-consorcio-o-que-considerar-para-se-dar-bem/), existe uma associação e uma preparação para as compras com viés educacional. Isso acontece porque as pessoas são treinadas a programar as suas aquisições, inibindo os gastos desnecessários, impulsivos e compulsivos.

As conquistas materiais são importantes, mas é preciso equilíbrio. Um casal que resolve[ter o primeiro filho](https://blog.racon.com.br/planejamento-financeiro/como-preparar-as-financas-para-a-chegada-do-primeiro-filho/), por exemplo, precisa de um mínimo de organização e de poupança. Isso infelizmente não é um hábito dos brasileiros. Mas quando há um estímulo à vertente colaborativa, surge também um incentivo ao planejamento familiar. O impacto social disso é inequívoco.

Outro benefício dessa linha é social, porque diversas novas profissões e formas de vender mercadorias e serviços apareceram com ela. São exemplos disso os motoristas do Uber, os professores de cursinhos online, especialistas de mídias sociais, analistas de marketing e programadores de software.



**Material de Apoio**

|  |
| --- |
| **ASSISTA AO VÍDEO ABAIXO:**<https://www.youtube.com/watch?v=-hmFwG3e6Bg>  |

|  |
| --- |
| **Organizadora do Conteúdo : Profa. Maria Audizia Godinho Silva**Conteúdo da aula organizado conforme referências abaixo relacionadas. |

**REFERÊNCIAS:**

ALENCAR, Eunice Soriano de e FLEITH, Denise de Souza, Criatividade: Múltiplas perspectivas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 3ª Ed., 2003.

FIRJAN. Estudos para o Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. A Cadeia da Indústria Criativa no Brasil, 2008; Nota Técnica. Edição 2011.

GÓMEZ DE LA IGLESIA, Roberto (Dir.), “Valor, precio y coste de la cultura”. II Jornada sobre ini­ciativa privada y setor publico em lagestión de la cultura. Vitoria-Gasteiz; Editora Xabide, 1999. Coleccióngestión cultural y comunicación.

 INDÚSTRIAS CRIATIVAS: definição, limites e possibilidades. RAE. São Paulo. V. 49; n. 1. Jan/mar 2009; p10-18.

MARINHO, Heliana et alli, “Termo de referência para atuação do Sistema SEBRAE em cultura e entretenimento”. Brasília: SEBRAE, 2007. Série Documentos.

 \_\_\_\_”Habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro”. Tese de Doutora­mento. Cap. 5, p99. Rio de Janeiro: FGV/EBAPE, 2006.

 \_\_\_\_”Por uma teorização das organizações de produção artesanal”. In Novas Ideias em Ad­ministração. Vol. 2. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

 MARINHO, Heliana e Ferreira, Mario Sergio Natal, “Do Circo Social à Economia Criativa”. Brasí­lia: SEBRAE, 2007. Série Histórias de Sucesso, pp 39-57.

MOLES, Abraham A., As Ciências do Impreciso. Trad. Gloria de C. Lins. Rio de janeiro: Civiliza­ção Brasileira, 1995.

OSTROWER, Fayga, Criatividade e Processos de Criação. Petrópolis: Vozes, 22ª Ed., 2008.